



De 17 a 19 de novembro de 2021

A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL SOBRE A SUA QUALIDADE DE VIDA

Luiza Helena Budel Vilczek¹
Gilson Luís Voloski²

Resumo

O objetivo deste estudo consistiu em analisar a percepção dos docentes da UFFS campus Realeza/PR sobre a sua qualidade de vida no contexto antes e durante a pandemia de Covid-19. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2013), qualidade de vida é o indivíduo se perceber enquanto sujeito inserido em sua dinâmica social, considerando o contexto cultural e sistêmico no qual está envolvido, levando em conta os seus valores a fim de alcançar objetivos. Considerando que este conceito é polissêmico e complexo e estando intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento histórico dos direitos humanos, é importante trazê-lo ao debate, buscando o relacionar com as condições de trabalho do professor universitário, categoria profissional exposta a desgastes físicos e psicossomáticos. A pesquisa possui caráter quanti-qualitativo, com desenvolvimento através de revisão bibliográfica. Ainda, realizou-se a coleta e análise da percepção da qualidade de vida dos professores da UFFS Realeza, através da aplicação do questionário WHOQOL-BREF. Como principal resultado, identificamos que a classificação sobre a percepção da qualidade de vida, foi “boa”, tanto antes como durante a pandemia. Porém, a partir das respostas individuais, identificou-se que a maioria dos docentes considera sua qualidade de vida melhor no período anterior à pandemia. A produção deste conhecimento poderá contribuir para a instituição envolvida avaliar, buscar aprofundar aspectos e planejar estratégias para melhorias da qualidade de vida dos seus servidores.

Palavras-chave: Qualidade de Vida – Docentes - Covid-19.

Eixo Temático: Eixo 03 - Formação social, Educação e Direitos Humanos.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata sobre a investigação da percepção de qualidade de vida dos docentes da Universidade da Fronteira Sul, Campus Realeza (UFFS Realeza), do Sudoeste do Paraná, tendo como referência o questionário WHOQOL-BREF da Organização Mundial da Saúde (OMS), demarcando o período de março de 2019 a agosto de 2021.

1 Acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Direitos Humanos. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. luizabudel@gmail.com

2 Doutor em Educação. Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: gilson.voloski@uffs.edu.br

A construção histórica dos Direitos Humanos teve sua trajetória na defesa do direito à vida a todos os seres humanos. Atualmente, além da longevidade da população, o desafio é a garantia de uma vida de qualidade. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), qualidade de vida é “a percepção do indivíduo de sua inserção na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (THE WHOQOL GROUP, 1995, p.1405). Neste sentido, é importante considerar o seu caráter sócio histórico, uma vez que a percepção da qualidade de vida varia de acordo com o sistema de valores e contexto social, político e econômico.

Diante do entendimento de que o conceito de qualidade de vida é polissêmico e complexo e estando intrinsecamente relacionado com o desenvolvimento dos direitos humanos e ao alcance da dignidade, consideramos importante trazê-lo ao debate, buscando relacionar as condições de qualidade de vida com o processo de trabalho do professor universitário. Considerando que os estudos referentes a qualidade de vida do docente ainda são poucos e recentes e que esta categoria é uma das que está exposta a desgastes físicos e psicossomáticos³, bem como o atual contexto pandêmico, o qual tem afetado na qualidade de vida dos seres humanos, é relevante trazer à luz esta discussão.

Todas as atividades da vida cotidiana sofreram adaptações, uma vez que há mais de um ano professores e alunos estão sem aulas presenciais, exercendo suas atividades de forma remota e na privacidade de seus lares. Suspeitando que com a pandemia de covid-19 pode haver um considerável impacto na vida dos docentes, o objetivo geral deste trabalho é analisar a percepção dos docentes da UFFS Realeza, sobre a sua qualidade de vida no contexto antes e durante a pandemia de covid-19.

Destarte, considerando o importante papel que a universidade representa para uma região, aliando a importância da discussão acerca do tema qualidade de vida e o pouco material produzido referente a este tema com professores universitários, entendemos que esta pesquisa pode contribuir para identificar fatores que interferem direta ou indiretamente

3 Apesar de, no Brasil, a pesquisa científica acerca da saúde e qualidade de vida do professor ser ainda muito restrita, alguns estudos apontam sobre esta categoria pertencer ao rol das profissões que desencadeiam desgastes físicos e mentais. Um estudo sobre a Síndrome de Burnout e o trabalho docente, revelou que 44,3% dos professores pesquisados demonstravam exaustão emocional; já 70,98% sente que a atividade é estressante e 51,32% pensa em mudar de ocupação. BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria Teresa. et al. O Trabalho Docente e o Burnout: um estudo em professores paranaenses. 2008. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/550_775.pdf.

na qualidade de vida e desta forma buscar estratégias para alinhar qualidade de vida e exercício profissional.

Em relação à estrutura, o artigo está organizado em três partes: na primeira, apresenta uma breve fundamentação teórica da ética teleológica acerca do desenvolvimento histórico do conceito qualidade de vida; na segunda parte, apresenta a sistematização dos dados coletados pela aplicação do questionário; e na terceira, desenvolve a análise e discussão dos dados obtidos com a pesquisa.

1 DO CONCEITO DE QUALIDADE DE VIDA

Atualmente, o termo qualidade de vida é frequente nos discursos das mais diversas áreas e para diferentes fins. Está relacionado às condições básicas que envolvem o desenvolvimento pleno do ser humano, como questões de bem-estar físico, psicológico, emocional, cognitivo, as relações interpessoais ou sociais e ambientais. Esta seção tem por objetivo resgatar aspectos da construção histórica do conceito, numa perspectiva ética e seus desdobramentos nos direitos humanos.

Desde que o ser humano pensa sobre o sentido da vida o tema do “bem viver” se tornou uma questão filosófica. Aristóteles (384-322 a.C.) abordou esse tema em *Ética a Nicômaco*. O termo grego *Eudaimonia* é traduzido, às vezes, pela palavra felicidade e, outras, pela expressão *bem supremo*, pois o sentido é de algo mais duradouro (autorrealização) do que o momento feliz. Ele parte da tese de que toda a ação humana é orientada por um *telos* (finalidade) e compreendido como um bem, portanto, se trata de uma filosofia teleológica. Algumas ações são guiadas por fins intermediários (meios) e realizá-los bem é a condição para outros mais abrangentes, por exemplo, ter boa saúde é a condição para o bom desempenho no trabalho ou no estudo. Mas nem toda a ação é meio para outra atividade. Para Aristóteles (1979, p.55), a *eudaimonia* é “procurada sempre por si mesma e nunca com vistas em outra coisa [...] ao passo que à honra, ao prazer, à razão e a todas as virtudes nós de fato escolhemos por si mesmos [...] pensando que a posse deles nos tornará felizes”. Como bem maior, é finalidade norteadora de sentido, que se realiza permanentemente na articulação de um conjunto de fins intermediários e de ações intrinsecamente virtuosas. Estas são manifestações da liberdade de escolher o próprio bem,

a cada ação e no conjunto que constitui o sentido da existência, o que significa a ação racional de constituir o projeto da sua própria vida. (VOLOSKI et al, 2019).

No período moderno, a reconstrução de uma filosofia teleológica tem seus pressupostos na escola inaugurada por Jeremy Bentham (1748-1832), também denominada de Utilitarismo Clássico. Partia do fundamento de que as ações dos indivíduos seriam consideradas certas ou erradas a medida que proporcionasse prazer, isto é, atingissem um certo grau de felicidade. No desenvolvimento histórico desta abordagem filosófica, o significado subjetivo do termo felicidade será substituído e ampliado pelo conceito de bem-estar social. Já o debate de acordo com as vertentes mais recentes, conhecido como utilitarismo objetivo, passa a ter como referência o conceito de qualidade de vida.

De acordo com o filósofo, para além de podermos nos basear pelo prazer, ao definir se uma ação está ou não correta, seria possível medi-lo de forma quantitativa, através da intensidade, duração, certeza ou incerteza, e outros. Entretanto, as teorias do utilitarismo clássico, sofreram e ainda sofrem diversas críticas, pois ao utilizar-se do princípio do prazer, encontraríamos situações que iriam contrariamente “às nossas instituições e convicções morais mais elementares e não podem servir de fundamento para a bioética.” (DALL’AGNOL, 2004, p. 63).

Para rebater as críticas realizadas a Bentham, John Stuart Mill (1806-1873) reestruturou o utilitarismo. Para além do prazer, esta teoria acrescentava as virtudes, como o conhecimento, por exemplo. Uma das mudanças mais significativas apresentadas por Mill, talvez tenha sido o reconhecimento das virtudes morais como componentes fundamentais para se atingir uma vida feliz. Mill

[...] reconhece que procuramos prazer, mas também excelência moral. Por conseguinte, ele não nega que as virtudes possam ser desejadas por si que elas possuem valor intrínseco. Mas Mill também sustenta que elas são partes integrantes da felicidade que é prioritariamente alcançada pela maximização de um tipo especial de prazer, a saber, o intelectual (DALL’AGNOL, 2004, p. 64).

As vertentes mais recentes do utilitarismo, que são defendidas por autores como David O. Brink e Peter Raiton, também conhecido como utilitarismo objetivo, apontam o conceito de bem-estar e qualidade de vida como pontos centrais para esta discussão. As nossas ações devem estar pautadas em realizar o bem-estar físico e mental para todos os sujeitos. Algumas condições consideradas necessárias para alcançar o bem-estar, de acordo com Brink (*apud* DALL’AGNOL, 2004, p. 85):

[...] satisfação das necessidades nutricionais, médicas, psicológicas, etc.; a realização dos projetos pessoais que, por sua vez, requerem certos tipos de oportunidades sociais bem como certas liberdades civis básicas; a realização de projetos pessoais que também exigem certas habilidades [...]; regras morais claras como, por exemplo, o respeito mútuo entre os agentes; os bens materiais necessários para realização dos projetos de vida.

Já na perspectiva de Boyd (1997), defende-se a tese de que há um número importante de bens que devem ser buscados para satisfazer as necessidades humanas, tais como:

[...] alimentação, vestuário, saúde, etc. [...] amor e amizade, a necessidade em nos engajarmos em atividades cooperativas, a necessidade de exercer controle sobre nossas vidas, a necessidade de apreciação e expressão artística e intelectual, a necessidade de recreação, etc. (DALL'AGNOL, 2004, p. 85).

Para Minayo et.al (2000, p. 10), é necessário que os sujeitos tenham o mínimo de acesso a condições para desenvolver suas potencialidades para ter qualidade de vida, tais como:

[...] alimentação, acesso a água potável, habitação, trabalho, educação, saúde e lazer; elementos materiais que tem como referência noções relativas de conforto, bem-estar e realização individual e coletiva. No mundo ocidental atual, por exemplo, é possível dizer também que desemprego, exclusão social, violência são, de forma objetiva, reconhecidos como a negação da qualidade de vida.

O conceito de qualidade de vida pode estar relacionado com condições e estilos de vida, bem como a ideias de desenvolvimento humano e sustentável, estando relacionado a democracia, direitos humanos e sociais. De acordo com Minayo, et. al. (2000, p.12),

[...] a qualidade de vida não é definível exclusivamente a partir de critérios científicos ou técnicos. Por essa razão, alguns autores remetem a discussão também para o âmbito político. Ou seja, os parâmetros para compor um padrão mínimo que permita a construção de agendas de intervenção ou a avaliação de políticas não são autoevidentes ou factíveis apenas em gabinetes e laboratórios, devendo resultar de debates sociais amplos, que estabeleçam consensos mínimos.

Mesmo cientes dos limites técnicos de um questionário para mensurar a complexidade que envolve a qualidade de vida, é preciso a utilização de um instrumento de coleta de dados como ponto de partida de debates sobre a temática. A utilização destes instrumentos, voltados para os docentes, tendem a contribuir na percepção de sua qualidade de vida, permitindo tematizar quais as necessidades presentes em áreas específicas, de forma que a produção deste conhecimento poderá contribuir em desenvolvimento de estratégias para a melhoria da qualidade de vida do grupo estudado.

2 METODOLOGIA

A pesquisa possui caráter quanti-qualitativo, com desenvolvimento através de revisão bibliográfica, a fim de realizar a conceituação de qualidade de vida. Ainda, realizou-se a coleta e análise da percepção da qualidade de vida dos professores da UFFS Realeza, através da aplicação do questionário WHOQOL-BREF. Esta pesquisa obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.

Considerando a pandemia do Coronavírus-19 e a restrição em realizar entrevistas de forma presencial, enviou-se para o email institucional de todos os professores da UFFS Realeza o questionário WHOQOL-BREF. O qual trata-se de instrumento idealizado pelo grupo de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde, traduzido e validado para utilização no Brasil. É composto por 26 questões, duas possuem aspectos mais gerais sobre a percepção da qualidade de vida e satisfação com a saúde. As demais, são divididas em quatro domínios: físico, psicológico, social e meio ambiente.

Para avaliação das perguntas gerais (1 e 2), somou-se o valor dado em cada entrevista e dividiu-se pelo total de participantes, obtendo-se o resultado em média. Já para o cálculo dos domínios, realizou-se a média de cada pergunta equivalente ao domínio e posteriormente realizou-se a média, chegando a um score final. Optou-se por aplicar o questionário com todos os docentes da UFFS, sendo o total de 80.

2.1 RESULTADOS

A pesquisa foi respondida por 18 docentes, em sua maioria mulheres. O grupo investigado tem idades entre 25 e 60 anos, a maior parte na faixa etária de 36 a 45 (55,5%). Em relação ao tempo de experiência como professor, 44,4% leciona de 11 a 20 anos, representando a maioria. Apenas um professor possui experiência abaixo dos 5 anos e 2 estão na profissão há mais de 30. Já relacionado ao tempo de atuação na UFFS, 16,8% dos professores trabalham na instituição há menos de 5 anos; 61,4% entre 5 e 10 anos e 22,2% há mais de 10 anos.

As perguntas 1 e 2, abordam sobre aspectos gerais acerca da qualidade de vida (QV). Em relação a sua percepção, o score médio foi 4, o mesmo para durante e anterior a pandemia. As porcentagens individuais, referente à percepção da QV, estão representadas na ilustração 1.

Ilustração 1: Percepção dos docentes sobre a qualidade de vida durante e anterior a pandemia.

Percepção da QV	Durante a pandemia	Anterior a pandemia
Muito ruim		
Ruim	11,1%	
Nem ruim nem boa	44,4%	27,8%
Boa	33,3%	44,4%
Muito boa	11,1%	27,8%

Fonte: elaborado pela autora (2021)

Já relacionado a satisfação com a saúde, o score durante a pandemia obteve média 3,5 e anterior à pandemia, média 4. Observamos as respostas individuais na ilustração 2.

Ilustração 2: Satisfação com a saúde durante e anterior a pandemia.

Satisfação com a saúde	Durante a pandemia	Anterior a pandemia
Muito insatisfeito		
Insatisfeito	27,8%	16,7%
Nem insatisfeito nem satisfeito	16,7%	5,6%
Satisfeito	27,8%	38,9%
Muito satisfeito	27,8%	38,9%

Fonte: elaborado pela autora (2021)

Em relação aos 4 domínios avaliados pelo questionário, pode-se classificar os domínios físico, psicológico e relações sociais como regular, tanto antes como durante a pandemia. O único domínio a apresentar classificação diferente entre os períodos é o meio ambiente, sendo classificado como regular durante a pandemia e como bom em período anterior. Como observado na ilustração a seguir:

Ilustração 3: Classificação dos 4 domínios avaliados pelo questionário.

Domínio	Durante a pandemia	Anterior a pandemia	Classificação
Físico	3,2	3,2	Regular
Psicológico	3,5	3,8	Regular
Relação social	3,1	3,9	Regular
Meio ambiente	3,6	4	Regular/Boa

Fonte: elaborado pela autora (2021)

Referente as relações sociais, as perguntas abrangem sobre a satisfação com as relações sociais; vida sexual e apoio recebido pelos amigos. Os dados obtidos estão demonstrados na ilustração 4.

Ilustração 4: Percepção quanto às relações sociais no período durante e anterior a pandemia

Relações sociais		Durante a pandemia	Anterior a pandemia
	Muito insatisfeito	5,6%	
	Insatisfeito	27,9%	
Relações pessoais	Nem insatisfeito nem satisfeito	44,4%	11,1%
	Satisfeito	16,7%	72,2%
	Muito satisfeito	5,6%	16,7%
	Muito insatisfeito		
	Insatisfeito	22,2%	
Apoio social	Nem insatisfeito nem satisfeito	22,2%	22,2%
	Satisfeito	38,9%	50%
	Muito satisfeito	16,7%	27,8%
	Muito insatisfeito		
	Insatisfeito	33,3%	5,6%
Atividade sexual	Nem insatisfeito nem satisfeito	22,2%	27,8%
	Satisfeito	27,9%	44,4%
	Muito satisfeito	16,7%	22,2%

Fonte: elaborado pela autora (2021)

Relacionado ao domínio físico as perguntas abordavam referente a dores físicas; realização de tratamento médico; energia e capacidade para desempenhar atividades do dia-a-dia; capacidade de locomoção; satisfação com o sono e capacidade para o trabalho. Nos quesitos dores e realização de tratamento médico, as respostas não divergem muito em relação ao período durante e anterior a pandemia. Sendo que a maioria dos docentes compreendem não haver limitações físicas relacionadas a dores para desempenhar suas atividades e a maioria também necessita pouco de intervenção médica, conforme ilustração a seguir:

Ilustração 5: Percepção quanto ao domínio físico no período durante e anterior a pandemia

Domínio Físico		Durante a pandemia	Anterior a pandemia
Dor e desconforto	Nada	44,4%	44,4%
	Muito Pouco	16,7%	27,8%
	Mais ou menos	22,2%	11,1%
	Bastante	16,7%	16,7%
	Extremamente		
Dependência de medicamento e tratamentos	Nada	22,2%	33,3%
	Muito Pouco	27,8%	27,8%
	Mais ou menos	22,2%	16,7%
	Bastante	22,2%	16,7%
	Extremamente	5,6%	5,6%

Fonte: elaborado pela autora (2021)

Ainda relacionado ao domínio físico, referente a capacidade para o trabalho, 44,4% responderam sentir-se muito satisfeitos; 11,1% muito pouco satisfeitos e 5,6% nada satisfeitos. Para a mesma questão no período anterior à pandemia, 41,2% estavam completamente satisfeitos, 35,3% muito satisfeitos e 23,5% médio satisfeitos.

Referente ao domínio psicológico, as perguntas versam sobre o quanto o docente aproveita a vida e o quanto ela tem sentido; concentração; satisfação consigo mesmo e presença de sentimentos negativos. Em relação ao quanto aproveita a vida neste período de pandemia, 38,9% dos docentes responderam que muito pouco e 38,9% afirmam aproveitar bastante. Já no período anterior, 38,9% aproveitava bastante e 33,3% responderam que a vida era aproveitada extremamente.

Em relação ao sentido que atribuem a sua vida, 38,9% responderam que extremamente e 5,6% afirmam que muito pouco, no período que compreende a pandemia. Já no período anterior, 44,4% afirmam que a vida fazia bastante sentido e 38,9%, extremamente. Relacionado a concentração em período pandêmico, 44,4% dos docentes afirmaram que conseguem se concentrar bastante; 33,3% mais ou menos e 16,7% muito pouco. Já no período anterior, 55,6% das respostas foram para bastante concentração e 22,2% extremamente. Por fim, relacionado a frequência da presença de sentimentos negativos, no período compreendido durante a pandemia, 22,2% responderam que algumas vezes; 27,8% frequentemente e 33,3% muito frequente. No período anterior, 27,8% afirmam que era muito frequente; 33,3% frequentemente e 11,1% nunca.

Por último, no domínio relacionado ao meio ambiente, as perguntas abordam sobre segurança; saúde do ambiente físico; renda; acesso a informação; oportunidade de realização de atividades de lazer; condições do local em que mora; acesso aos serviços de saúde e transporte. Em relação ao sentimento de segurança na vida diária, não teve muita discrepância nas respostas referente ao período de pandemia e anterior a ele. O mesmo vale para a questão referente ao ambiente físico, como podemos observar na ilustração a seguir:

Ilustração 5: Percepção quanto ao domínio meio ambiente no período durante e anterior a pandemia

Meio ambiente		Durante a pandemia	Anterior a pandemia
	Nada		
	Muito Pouco	22,2%	5,6%
Segurança na vida	Mais ou menos	22,2%	27,8%
diária	Bastante	44,4%	33,3%
	Extremamente	11,1%	33,3%
	Nada		
Ambiente físico	Muito Pouco	11,1%	
	Mais ou menos	16,7%	33,3%
	Bastante	55,6%	50%
	Extremamente	16,7%	16,7%

Fonte: elaborado pela autora (2021)

3 DISCUSSÃO

No presente estudo, buscou-se identificar a percepção da qualidade de vida entre os docentes da UFFS Realeza. Apesar de o questionário WHOQOL-BREF ter sido disponibilizado a todos, ao findar do prazo obtivemos 18 respostas, o que caracteriza 22,2% da população total. Embora não podendo afirmar com precisão o motivo do não preenchimento dos demais convidados, e apesar da baixa devolução de questionários, este percentual é representativo e nos leva a pensar que as respostas foram fornecidas por aqueles que demandam maiores condições neste momento, sejam condições físicas, emocionais ou de tempo. Pois, esta categoria é exposta a exaustivas jornadas de trabalho, muitas vezes tendo que conciliar atividades de ensino com pesquisa e extensão, necessitando adequar-se ao contexto em que estão inseridos, muitas vezes permeado de conflitos sociais e políticos. (BARBOSA, 2016).

Além disso, considerando o contexto da pandemia de covid-19 e as novas modalidades e ferramentas de trabalho as quais os professores foram submetidos, sugerem aumento na demanda de trabalho. Uma pesquisa realizada no ano de 2020, pela Fundação Carlos Chagas⁴, ao investigar a educação escolar em tempos de pandemia, demonstrou que 65% dos participantes da pesquisa, entendem que houveram mudanças e aumento nas demandas de trabalho, principalmente ao que tange as atividades de tecnologia digital.

Em relação as questões gerais, não obtivemos dados divergentes em relação à média de classificação sobre a percepção de qualidade de vida, sendo que a classificou como “boa”, tanto antes como durante a pandemia. Entretanto, a partir das respostas individuais, identifica-se que a maioria dos docentes considera que sua qualidade de vida era melhor no período compreendido anterior ao período pandêmico.

A pandemia trouxe diversas mudanças, tanto pessoais como profissionais. Em curto período de tempo, diante do fechamento de escolas e universidades como medida de contenção ao alastramento do vírus, professores se viram obrigados a mudar repentinamente a forma de ministrar as aulas, passando a executá-las de forma remota. Esta nova modalidade de ensino é permeada de tensões, seja na reinvenção das práticas pedagógicas, seja nas “relações entre os principais atores do sistema educacional: governo, instituições, gestores, colegas e alunos, e também nas rotinas particular e familiar dos docentes.” (ARAÚJO et al., 2020, p. 865).

Na segunda questão geral, a qual aborda sobre a satisfação com a saúde, notamos a divergência sobre os períodos, visto que durante a pandemia a satisfação com a saúde é classificada como “regular” e anterior à pandemia como “boa”. Podemos relacionar este fato, com a questão 24 do questionário, a qual aborda acerca do acesso aos serviços de saúde. Durante a pandemia, observamos mais professores insatisfeitos com o acesso aos serviços de saúde do que no período anterior. Pois, no período pandêmico, houve um limite ao acesso aos serviços em geral. No que tange à saúde, exigiu-se ações rápidas e efetivas aos sistemas de saúde, os quais foram (re)organizados com fins de enfrentamento do vírus. As ações sanitárias foram concentradas em serviços hospitalares, ampliação de leitos e melhoria das unidades de tratamento intensivo. (MEDINA et. al., 2020). É neste sentido que, consultas e procedimentos considerados como eletivos, foram cancelados ou adiados,

4 Fundação Carlos Chagas. (2020). Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1> Acesso em: 25/09/2021.

tendo a atenção primária à saúde voltada para medidas de isolamento e distanciamento social.

Notamos que o domínio que obteve maior divergência de pontuação entre os períodos foi referente as relações sociais. Os docentes apontam maior insatisfação na relação com amigos e parentes e no apoio recebido por eles, no período que compreende a pandemia. Com o isolamento social, este período exigiu que os indivíduos readaptassem a forma de se relacionar, sendo que a internet, através de redes sociais foi a principal ferramenta utilizada para mediar as relações humanas. Apesar das facilidades que a tecnologia proporciona, não podemos negar que a privação de convivência social, pode ser geradora de sintomas psicológicos, como ansiedade, medo, angústia e outros, corroborando com os dados obtidos no domínio psicológico, onde a presença de sentimentos negativos foi maior durante o período pandêmico.

De acordo com Macedo (2012), ter apoio social faz com que o indivíduo se perceba enquanto sujeito detentor de reconhecimento, amor e pertencente a um grupo, sendo um facilitador no enfrentamento às mudanças e crises. “Parece haver relação entre o apoio social e os comportamentos que promovem a saúde e as relações sociais podem também desempenhar um papel fundamental para a autoestima do sujeito”. (p.20).

Ao analisarmos as respostas da questão aberta, acerca da percepção do impacto da pandemia no processo de trabalho, observamos o quanto as questões de isolamento social e trabalho remoto interferiram na qualidade de vida dos docentes.

“A pandemia afetou profundamente o processo de trabalho. Com a condição remota, quando o trabalho passou a ser realizado em casa, ficou confusa a relação entre vida pessoal e vida profissional. Isso não é bom para a qualidade de vida, nem para o docente, nem para os seus familiares. A atividade física diminui muitíssima e ampliou a atividade virtual. Isso repercutiu em vários aspectos da vida como um sono menos contínuo, alteração de humor, insegurança etc.”

“Pelo grau de isolamento social a que fomos submetidos.”

“Trabalhar sentada, falar para a nuvem, não ter o retorno do olhar, estar só.”

“Acho ruim o distanciamento social.”

Em relação aos 4 domínios analisados pelo questionário, pudemos identificar que não há grande divergência em suas classificações quando analisado período durante e anterior à pandemia. Embora, haja diferença nas respostas avaliadas de maneira individual,

uma vez que identificamos que a qualidade de vida é percebida de uma melhor forma no período anterior à pandemia.

A pouca diferença na percepção da qualidade de vida entre os períodos, pode ser justificada pelo fato de que, intrinsecamente,

[...] os professores universitários transitam no mercado de trabalho submetidos a tremendas exigências de qualificação. Suas capacidades físicas, conceituais e atitudinais são acionadas para atingir os propósitos da produtividade escolar, o que pode gerar excessivo estresse de suas funções mentais e comportamentais. (SILVA; PORTES; MENDES, 2015, p. 17)

Assim, o desempenho das atividades docentes, quase que em tempo integral, dificulta as interações em outros espaços da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, acerca do conceito de qualidade de vida, temos que o seu teor é complexo e polissêmico, e sofre alterações em seus valores, devido a relacionar-se com o contexto sócio histórico no qual o sujeito está inserido. Tendo que está intrinsecamente relacionado com o desenvolvimento dos direitos humanos e ao alcance da dignidade, consideramos importante trazê-lo ao debate, buscando relacionar as condições de qualidade de vida com o processo de trabalho do professor universitário.

Portanto, este artigo traz a discussão referente a percepção dos docentes da UFFS Realeza, sobre a sua qualidade de vida no contexto antes e durante a pandemia de covid-19. Identificamos, através dos dados coletados, que em relação a percepção dos docentes acerca de sua qualidade de vida, não foi divergente quanto aos períodos, sendo que se pode classificá-la como “boa”, em ambos. Porém, analisando as respostas a partir das questões individuais, observamos que a maioria dos docentes considera que sua qualidade de vida era melhor no período compreendido anterior ao período pandêmico. Uma vez que, a pandemia de covid-19 trouxe diversas mudanças, tanto pessoais como profissionais.

Em relação aos quatro domínios analisados pelo questionário, identificamos que nos domínios físico, psicológico e nas relações sociais, a classificação foi de “regular”, tanto no período anterior quanto ao que compreende a pandemia. Já o domínio meio ambiente, teve uma discrepância na classificação, sendo que foi considerado “regular” durante a pandemia e “bom” anterior a ela.

Entendemos que, devido a pandemia do corona vírus, a nossa pesquisa ficou limitada quanto a coleta de dados, visto que não podendo realizar a aplicação de forma presencial, nos valem apenas dos meio eletrônicos, o que dificultou o acesso a maioria dos docentes, apesar de todos os esforços realizados para tal. Entretanto, consideramos que este fator pode ser condicionante para realização de pesquisas futuras, onde exista a possibilidade de maior abrangência da população estudada.

Ainda assim, consideramos importante a realização deste estudo, uma vez que com os dados obtidos é possível que a instituição envolvida possa avaliar e aprofundar os aspectos levantados, buscando planejamento e estratégias para a melhoria da qualidade de vida dos docentes.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. M. et al. COVID-19, Mudanças em Práticas Educacionais e a Percepção de Estresse por Docentes do Ensino Superior no Brasil. **Revista Brasileira de Informática na Educação – RBIE**, v.28, p.864-891, 2020. Disponível em: <https://br-ie.org/pub/index.php/rbie/article/view/v28p864> Acesso em: 05/09/2021.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).

BARBOSA, A. L. K. H. **A síndrome de *Burnout* em Professores Universitários**. 2016. Dissertação (Mestrado em Promoção da Saúde do Centro Universitário de Maringá). Centro Universitário de Maringá, Maringá, 2016. Disponível em: <http://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/77/1/ANDREA-LOLY-KRAFT-HORTA-BARBOSA.pdf> Acesso em: 04/09/2021.

DALL'AGNOL, D. **Bioética: Princípios Morais e aplicações**. RJ: DP&A, 2004.

MACEDO, E. Domínio relações sociais da qualidade de vida: um foco de intervenção em pessoas com doença de humor. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, 7, 19-24, 2012. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29478/1/Artigo%20DRS%20QDV%20RPESM%20scielo.pdf> Acesso em: 27/09/2021.

MEDINA, M. G. et al. Atenção primária à saúde em tempos de covid-19: o que fazer? **Cadernos de Saúde Pública**. ISSN 1678-446436 n°.8, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1140/atencao-primaria-a-saude-em-tempos-de-covid-19-o-que-fazer> Acesso em: 25/09/2021.

MINAYO, M. C. S. et al. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**, 5(1):7-18, 2000.

SILVA, I. C; PORTES, L.A.; MENDES, G.N. Qualidade de Vida de Docentes do Ensino Superior de um Centro Universitário. **LifeStyle Journal**, v. 2, n. 2, p. 15-24, São Paulo, 2015.

THE WHOQOL Group. The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. **Soc Sci Med** 1995; 41:1403-10

VOLOSKI, G. L.; SANTOS, A. P. ; GARCIA, R. A. G. . Qualidade de vida, bem supremo e formação docente. In: X Congresso Ibero-Americano de Docência Universitária, 2019, Porto Alegre - RS. **Anais do X Congresso Ibero-Americano de Docência Universitária (CIDU)**. Porto Alegre - RS: EDIPUCRS, 2019.